

Livro de 'Soror Saudade'

FLORBELA ESPANCA

Livro

de

"Sóror Saudade"

Edição da autora

Deposito:-Sociedade Editora

Portugal-Brazil, Limitada

58, Rua Garrett, 60-Lisboa

Da autora:

Livro de Máguas-1920

*Irmã, Sorór Saudade, ah! se eu pudesse Tocar de aspiração a nossa vida,
Fazer do Mundo a Terra Prometida Que ainda em sonho ás vezes me apa-
rece!*

AMERICO DURÃO

*Il n'a pas à se plaindre celui qui attend un sentiment plus ardent et plus
généreux. Il n'a pas à se plaindre celui qui attend le désir d'un peu plus
de bonheur, d'un peu plus de beauté, d'un peu plus de justice.*

MAETERLINCK--_La Sagesse et la Destinée._

INDICE «SÓROR SAUDADE» O NOSSO LIVRO O QUE TU ÉS FANA-
TISMO ALEMTEJANO FUMO QUE IMPORTA?... O MEU ORGULHO OS
VERSOS QUE TE FIZ FRIÊSA O MEU MAL A NOITE DESCE... CARA-
VELAS INCONSTANCIA O NOSSO MUNDO PRINCE CHARMANT...
ANOITECER ESFINGE TARDE DEMAIS... CINZENTO NOTURNO MARIA
DAS QUIMÉRAS SAUDADES RUINAS CREPÚSCULO ODIO? RENUNCIA
A VIDA HORAS RUBRAS SUAVIDADE PRINCEZA DESALENTO SOMBRA
HORA QUE PASSA DA MINHA JANELA SOL POENTE EXALTAÇÃO

«SÓROR SAUDADE»

A Américo Durão

Irmã, Sóror Saudade me chamáste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fôsse
A luz do próprio sonho que sonháste.

Numa tarde de outôno o murmuráste;
Toda a mágua do outôno ele me trouxe;
Jámais me hão de chamar outro mais doce:
Com ele bem mais triste me tornáste...

E baixinho, na alma da minh'alma,
Como benção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,
Digo as palavras desse nome lindo
Que tu me déste: «Irmã, Sóror Saudade»...

O NOSSO LIVRO

A A. G.

Livro do meu amôr, do teu amôr,
Livro do nosso amôr, do nosso peito...
Abre-lhe as folhas devagar, com geito,
Como se fossem pétalas de flôr.

Olha que eu outro já não sei compôr
Mais santamente triste, mais perfeito.
Não esfolhes os lírios com que é feito
Que outros não tenho em meu jardim de dôr!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!
Num sorriso tu dizes e digo eu:

Salinas da Margarida - Bahia

Versos só nossos mas que lindos sôis!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente
Dirá, fechando o livro dôcemente:
«Versos só nossos, só de nós os dois!...»

O QUE TU ÉS

És Aquela que tudo te entristéce,
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquela a quem a Mágua chamou filha;
A que aos homens e a Deus nada merece.

Aquela que o sol claro entenebrece,
A que nem sabe a estrada que ora trilha,
Que nem um lindo amor de maravilha
Sequér deslumbra, e ilumina e aquéce!

Mar-Morto sem marés nem ondas largas,
A rastejar no chão, como as mendigas,
Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve primavera...
Ah! Não seres como as outras raparigas
Ó Princeza Encantada da Quimera!...

FANATISMO

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te vêr!
Não és sequer razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amôr, a lêr

No misterioso livro do teu sêr
A mesma história tantas vezes lida!

«Tudo no mundo é fragil, tudo passa...»
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma bôca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
«Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Principio e Fim!...»

ALEMTEJANO

À Buja

Deu agora meio dia; o sol é quente
Beijando a urze triste dos outeiros.
Nas ravinas do monte andam ceifeiros
Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas brandamente,
Brilham os olhos negros, feiticeiros;
E ha perfis delicados e trigueiros
Entre as altas espigas d'oiro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais
A cabeleira loira dos trigais
Sob a benção dulcissima dos ceus.

Ha gritos arrastados de cantigas...
E eu sou uma daquelas raparigas...
E tu passas e dizes: «Salve-os Deus!»

FUMO

Longe de ti são ermos os caminhos,
Longe de ti não ha luar nem rosas,
Longe de ti ha noites silenciosas,
Ha dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois velhos pobresinhos
Perdidos pelas noites invernosas...
Abertos, sonham mãos cariciosas,
Tuas mãos dôces, plênas de carinhos!

Os dias são outônos: choram... choram...
Ha crisantemos roxos que descóram...
Ha murmúrios dolentes de segrêdos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!
E ele é, ó meu Amôr, pelos espaços,
Fumo leve que foge entre os meus dedos!...

QUE IMPORTA?...

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
Nunca sentira em mim o coração
Bater em violencias de paixão,
Como bate no peito á outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,
Sem sombra de desejo ou de emoção,
Enquanto as azas loiras da ilusão
Abrem dentro de mim ao sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;
Como nascida em carinhoso monte,
Toda ela é riso e é frescura e graça!

Nela refresca a bôca um só instante...
Que importa?... Se o cançado viandante
Bebe em todas as fontes... quando passa?...

O MEU ORGULHO

Lembro-me o que fui dantes. Quem me déra
Não me lembrar! Em tardes dolorosas
Eu lembro-me que fui a primavera
Que em muros velhos fez nascer as rosas!

As minhas mãos outróra carinhosas
Pairavam como pombas... Quem soubéra
Porque tudo passou e foi quimera,
E porque os muros velhos não dão rosas!

São sempre os que eu recordo que me esquecem.
Mas digo para mim: «não me merecem...»
E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobresinha:
Que também é orgulho ser sósinha,
E também é nobreza não ter nada!

OS VERSOS QUE TE FIZ

Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que a minha boca tem p'ra te dizer!
São talhados em mármore de Páros
Cinzelados por mim p'ra te oferecer.

Teem dolencias de veludos cáros,
São como sedas pálidas a arder...
Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que foram feitos p'ra te endoidecer!

Mas, meu Amôr, eu não t'os digo ainda...
Que a boca da mulher é sempre linda
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...
E nêsse beijo, Amôr, que eu te não dei
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

FRIÊSA

Os teus olhos são frios como as espadas,
E claros como os trágicos punhais;
Teem brilhos cortantes de metais
E fulgores de laminas geladas.

Vejo nêles imagens retratadas
De abandonos crueis e desleais,
Fantásticos desejos irreais,
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amôr, essa indiferença,
Que viver nêste mundo sem amar
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dôr que vive em mim!
E quanta vez dirás a soluçar:
«Ah! Quem me déra, Irmã, amar assim!...»

O MEU MAL

A meu irmão

Eu tenho lido em mim, sei-me de cór,
Eu sei o nome ao meu estranho mal:
Eu sei que fui a renda dum vitral,
Que fui ciprêste e caravela e dôr!

Fui tudo que no mundo ha de maior;
Fui cisne e lirio e águia e cathedral!

E fui, talvez, um verso de Nerval,
Ou um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flôr de agrestes cardos,
Deram as minhas mãos arôma aos nardos...
Deu côr ao eloendro a minha bôca...

Ah! De Boabdil fui lágrima na Espanha!
E foi de lá que eu trouxe esta ancia estranha!
Mágua não sei de quê! Saudade louca!

A NOITE DESCE...

Como pálpebras rôxas que tombassem
Sobre uns olhos cançados, carinhosas,
A noite desce... Ah! dôces mãos piedosas
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me embalassem!
Assim me adormecessem, caridosas,
E em braçadas de lírios e mimosas,
No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...
Perfume de baunilha ou de lilaz,
A noite põe-me embriagada, louca!

E a noite vai descendo, muda e calma...
Meu dôce Amôr, tu beijas a minh'alma
Beijando nesta hora a minha bôca!

CARAVELAS

Cheguei a meio da vida já cançada
De tanto caminhar! Já me perdi!

Salinas da Margarida - Bahia

Dum estranho paiz que nunca vi
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.
E as torres de marfim que construí
Em trágica loucura as destruí
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar Morto:
Mar sem marés, sem vagas e sem porto
Onde vélas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...
Ai, quem me dêra as que eu deitei ao Mar!
As que eu lancei á vida, e não voltaram!...

INCONSTANCIA

Procurei o amor, que me mentiu.
Pedi á Vida mais do que ela dava;
Eterna sonhadora edificava
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,
E tanto beijo a bôca me queimava!
E era o sol que os longes deslumbrava
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...
Atraz do sol dum dia outro a aquecer
As brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo
É igual a outro amor que vai surgindo,
Que ha de partir tambem... nem eu sei quando...

O NOSSO MUNDO

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos
Como um divino vinho de Falerno!
Poisando em ti o meu olhar eterno
Como poisam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...
E a Vida já não é o rubro inferno
Todo fantasmas tristes e presagos!

A Vida, meu Amôr, quero vivê-la!
Na mesma taça erguida em tuas mãos,
Bôcas unidas hêmos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...
O mundo, Amôr!... As nossas bôcas juntas!...

PRINCE CHARMANT...

A Raul Proença

No languido esmaecer das amorosas
Tardes que morrem voluptuosamente
Procurei-O no meio de toda a gente.
Procurei-O em horas silenciosas!

Ó noites da minh'alma tenebrosas!
Bôca sangrando beijos, flôr que sente...
Olhos postos num sonho, humildemente...
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant...
Como audaz cavaleiro em velhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Em toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frageis dedos frageis rendas...
--Nunca se encontra Aquele que se espéra!...

ANOITECER

A luz desmaia num fulgor d'aurora,
Diz-nos adeus religiosamente...
E eu que não creio em nada, sou mais crente
Do que em menina, um dia, o fui... outr'ora...

Não sei o que em mim ri, o que em mim chora,
Tenho bênçãos d'amor p'ra toda a gente!
E a minha alma sombria e penitente
Soluça no infinito desta hora...

Horas tristes que são o meu rosário...
Ó minha cruz de tão pesado lenho!
Ó meu áspero e intérmino Calvario!

E a esta hora tudo em mim revive:
Saudades de saudades que não tenho...
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

ESFINGE

Sou filha da charneca erma e selvagem:
Os giestais, por entre os rosmaninhos,
Abrindo os olhos d'ouro, p'los caminhos,
Desta minh'alma ardente são a imagem.

E anciosa desejo--ó vã miragem--
Que tu e eu, em beijos e carinhos,
Eu a Charneca, e tu o Sol, sòsinhos,
Fossemos um pedaço da paisagem!

E á noite, á hora dôce da ansiedade,
Ouviria da boca do luar
O _De Profundis_ triste da saudade...

E, á tua espera, enquanto o mundo dorme,
Ficaria, olhos quietos, a scismar...
Esfinge olhando, na planície enorme...

TARDE DEMAIS...

Quando chegáste emfim, para te vêr
Abriu-se a noite em mágico luar;
E p'ra o som de teus passos conhecer
Pôz-se o silencio, em volta, a escutar...

Chegáste, emfim! Milagre de endoidar!
Viu-se nessa hora o que não pode ser:
Em plena noite, a noite iluminar
E as pedras do caminho florescer!

Beijando a areia d'oiro dos desertos
Procurára-te em vão! Braços abertos,
Pés nús, olhos a rir, a bôca em flôr!

E ha cem anos que eu era nova e linda!...
E a minha bôca morta grita ainda:
Porque chegáste tarde, ó meu Amôr?!...

CINZENTO

Poeiras de crepúsculos cinzentos.
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços,
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,
Devagarinho, em misteriosos passos...
Perde-se a luz em languidos cansaços...
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,
A névoa das saudades que deixáste!

Hora em que o teu olhar me deslumbrou...
Hora em que a tua boca me beijou...
Hora em que fumo e névoa te tornáste...

NOTURNO

Amor! Anda o luar, todo bondade,
Beijando a terra, a desfazer-se em luz...
Amor! São os pés brancos de Jesus
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade
Das ilusões e risos que em ti puz!
Traçáste em mim os braços duma cruz,
Nêles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de máguas,
É nesta noite o nenufar dum lago
Estendendo as azas brancas sobre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,
Fecha-os num beijo dolorido e vago...
E deixa-me chorar devagarinho...

MARIA DAS QUIMÉRAS

Maria das Quiméras me chamou
Alguem... Pelos castelos que eu ergui,
P'las flores d'ouro e azul que a sol teci
Numa téla de sonho que estalou.

Maria das Quiméras me ficou;
Com elas na minh'alma adormeci.
Mas, quando despertei, nem uma vi,
Que da minh'alma, Alguem, tudo levou!

Maria das Quiméras, que fim deste
Às flores d'ouro e azul que a sol bordáste,
Aos sonhos tresloucados que fizéste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...
Aonde estão os beijos que sonháste,
Maria das Quiméras, sem quiméras?

SAUDADES

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...
Se o nosso sonho foi tão alto e forte
Que bem pensára vê-lo até á morte
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!
Que tudo isso, Amôr, nos não importe.
Se ele deixou beleza que conforto
Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar,
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem déra que fosse sempre assim:
Quanto menos quizesse recordar
Mais a saudade andasse presa a mim!

RUINAS

Se é sempre outono o rir das primavéras,
Castelos, um a um, deixa-os cair...
Que a vida é um constante derruir
De palácios do Reino das Quiméras!

E deixa sobre as ruínas crescer heras,
Deixa-as beijar as pedras e florir!
Que a vida é um continuo destruir
De palácios do Reino das Quiméras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!
Tenho ainda mais sonhos para ergue-los
Mais alto do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!
São como os beijos duma linda bôca!
Sonhos!... Deixa-os tombar... deixa-os tombar...

CREPÚSCULO

Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes
Borboletas de sol, de azas maguadas,
Poisam nos meus, suaves e cançadas,
Como em dois lírios rôxos e dolentes...

E os lírios fecham... Meu amôr não sentes?
Minha bôca tem rosas desmaiadas,
E as minhas pobres mãos são maceradas
Como vagas saudades de doentes...

O Silencio abre as mãos... entorna rosas...
Andam no ar caricias vaporosas
Como pálidas sedas, arrastando...

E a tua boca rubra ao pé da minha
É na suavidade da tardinha
Um coração ardente, palpitando...

ODIO?

Á Aurora Aboim

Odio por ele? Não... Se o amei tanto,
Se tanto bem lhe quiz no meu passado,
Se o encontrei depois de o ter sonhado,
Se á vida assim roubei todo o encanto...

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto
Turva o meu triste olhar, marmorizado,
Olhar de monja, trágico, gelado
Como um soturno e enorme Campo Santo!

Ah! nunca mais amá-lo é já bastante!
Quero senti-lo d'outra, bem distante,
Como se fôra meu, calma e serena!

Odio seria em mim saudade infinda,
Mágua de o ter perdido, amôr ainda.
Odio por ele? Não... não vale a pêna...

RENUNCIA

A minha mocidade outrora eu puz
No tranquilo convento da Tristeza;
Lá passa dias, noites, sempre presa,
Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fôra, a Lua, Satanaz, seduz!

Salinas da Margarida - Bahia

Desdobra-se em requintes de Beleza...
É como um beijo ardente a Natureza...
A minha céla é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!
Empalidece mais! E, resignada,
Prende os teus braços a uma cruz maior!

Géla ainda a mortalha que te encerra!
Enche a boca de cinzas e de terra,
Ó minha mocidade toda em flôr!

A VIDA

É vão o amôr, o odio, ou o desdem;
Inutil o desejo e o sentimento...
Lançar um grande amôr aos pés d'alguem
O mesmo é que lançar flôres ao vento!

Todos somos no mundo «Pedro Sem»,
Uma alegria é feita dum tormento,
Um riso é sempre o eco dum lamento,
Sabe-se lá um beijo d'onde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...
Uma saudade morta em nós renasce
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia.
A gente esquece sempre o bem dum dia.
Que queres, meu Amôr, se é isto a Vida!...

HORAS RUBRAS

Horas profundas, lentas e caladas

Feitas de beijos sensuais e ardentes,
De noites de volúpia, noites quentes
Onde ha risos de virgens desmaiadas...

Oiço as olaias rindo desgrenhadas...
Tombam astros em fogo, astros dementes,
E do luar os beijos languescientes
São pedaços de prata p'las estradas...

Os meus lábios são brancos como lagos...
Os meus braços são leves como afagos,
Vestiu-os o luar de sedas puras...

Sou chama e neve branca e misteriosa...
E sou, talvez, na noite voluptuosa,
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

SUAVIDADE

Poisa a tua cabeça dolorida
Tão cheia de quiméras, de ideal,
Sobre o regaço brando e maternal
Da tua doce Irmã compadecida.

Has de contar-me nessa voz tão qu'rida
A tua dôr que julgas sem igual,
E eu, p'ra te consolar, direi o mal
Que á minha alma profunda fez a Vida.

E has de adormecer nos meus joelhos...
E os meus dedos enrugados, velhos,
Hão de fazer-se leves e suaves...

Hão de poisar-se num fervôr de crente,
Rosas brancas tombando dôcemente.
Sobre o teu rosto, como penas d'aves...

PRINCEZA DESALENTO

Minh'alma é a Princesa Desalento,
Como um Poeta lhe chamou, um dia.
É maguada e pálida e sombria,
Como soluços trágicos do vento!

É fragil como o sonho dum momento;
Soturna como préces de agonia,
Vive do riso d'uma bôca fria:
Minh'alma é a Princesa Desalento...

Altas horas da noite ela vagueia...
E ao luar suavissimo, que aneia,
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,
E vai traçar, fantástico e gelado,
A sombra d'uma cruz á tua porta...

SOMBRA

De olheiras rôxas, rôxas, quasi prêtas,
De olhos limpidos, dôces, languescentes,
Lagos em calma, pálidos, dormentes
Onde se debruçassem violetas...

De mãos esguias, finas hastes quietas,
Que o vento não baloiça em noites quentes...
Noturno de Chopin... risos dolentes...
Versos tristes em sonhos de Poetas...

Beijo dôce de aromas perturbantes...
Rosal bendito que dá rosas... Dantes
Esta era Eu e Eu era a Idolatrada!...

Oh! tanta cinza morta... o vento a leve!

Vou sendo agora em ti a sombra leve
D'alguem que dobra a curva duma estrada...

HORA QUE PASSA

Vejo-me triste, abandonada e só
Bem como um cão sem dono e que o procura,
Mais pobre e desprezada do que Job
A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!
Minh'alma triste, dolorida e escura,
Minh'alma sem amôr é cinza e pó,
Vaga roubada ao Mar da Desventura!

Que tragédia tão funda no meu peito!...
Quanta ilusão morrendo que esvoaça!
Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre...
O instante que foge, vôa, e passa...
Fiosinho d'agua triste... a vida corre...

DA MINHA JANELA

Mar alto! Ondas quebradas e vencidas
Num soluçar aflito e murmurado...
Vôo de gaivotas, leve, imaculado,
Como neves nos píncaros nascidas!

Sol! Ave a tombar, azas já feridas,
Batendo ainda num arfar pausado...
Ó meu doce poente torturado
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!

Meu verso de Samain cheio de graça,
'Inda não és clarão já és luar
Como um branco lilaz que se desfaça!

Amôr! Teu coração trago-o no peito...
Pulsa dentro de mim como este mar
Num beijo eterno, assim, nunca desfeito!...

SOL POENTE

Tardinha... «Avè Maria, Mãe de Deus...»
E reza a voz dos sinos e das noras...
O sol que morre tem clarões d'auroras,
Água que bate as azas pelos ceus!

Horas que tem a côr dos olhos teus...
Horas evocadoras d'outras horas...
Lembranças de fantásticos outroras,
De sonhos que não tenho e que eram meus!

Horas em que as saudades, p'las estradas,
Inclinam as cabeças mart'risadas
E ficam pensativas... meditando...

Morrem verbenas silenciosamente...
E o rubro sol da tua bôca ardente
Vai-me a pálida bôca desfolhando...

EXALTAÇÃO

Viver!... Beber o vento e o sol!... Erguer
Ao ceu os corações a palpitar!
Deus fez os nossos braços p'ra prender,
E a bôca fez-se sangue p'ra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto, a arder!...
Azas sempre perdidas a pairar,
Mais alto para as estrelas desprender!...
A glória!... A fama!... O orgulho de crear!...

Da vida tenho o mel e tenho os travos
No lago dos meus olhos de violetas,
Nos meus beijos extáticos, pagãos!...

Trago na bôca o coração dos cravos!
Boémios, vagabundos, e poetas:
--Como eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos!...